

Ferrari Júnior

Não interessa falar-lhe da riqueza cultural latina, mesmo da própria América Latina. Falar-lhe, por exemplo de Celia de la Serna y Llosa, descendente do último vice-rei do Peru, mãe de um Ernesto Guevara de la Serna. Ferrari Júnior, professor de Linguística na Universidade do Estado de S.Paulo, nos Estados Unidos e na Nova Zelândia, não quer ouvir falar de nada disso. Para ele, o inglês deve substituir todos os outros idiomas do planeta. Deve ter razão, talvez isso venha a suceder. Por um lado, existe a selecção natural, a “persistência” do mais apto, por outro existe a selecção artificial... Aplicada em Esparta às crianças com problemas físicos ou psíquicos, aquela que o moreno e baixinho Adolfo Hitler queria aplicar a todos os que não fossem altos, loiros de olhos azuis, que aliás mandou aplicar a crianças alemãs, como em Esparta, mandando o mesmo aos judeus, ainda que eles tivessem altura, olhos e cabelos de tonalidade “conveniente”. Falamos de pensamento mitológico quando perguntamos a razão de tantas gerações de egípcios terem erigido enormes pirâmides para lá enterrarem os seus “divinos” faraós... Esquecemos a lamentavelmente triste piada dos ingleses, sobre o Nazismo: “loiro como Hitler, belo como Goering.” Goering, um homem que sofria de obesidade, seria belo? Já o famoso ministro da propaganda Nazi, Joseph Goebels, terá dito que uma mentira, muito repetida, passa a ser verdade. Claro que também nos esquecemos que isso continua a ser verdade hoje, nas nossas sociedades Democráticas. Ferrari Júnior é descendente de judeus portugueses e de italianos. Acha que devemos falar todos inglês. Tarefa difícil, porque um quinto dos seres humanos é chinês, mas já estivemos mais longe! O problema do inglês é a sua simplicidade, o

pequeno vocabulário que exige. Mas isso é enganador. Poucos vocábulos implicam multiplicidade de sentidos, e o “tradutor é um traidor”, como disse um autor. O dramático não é querer traduzir “William Shakespeare” encontrando “Guilherme Abana a Lança”! (Seria errado). O dramático não é dizer: “I fly” e traduzir isso por “eu mosca”. Nem é dramático traduzir “Liverpool” por “Piscina do Fígado”, o que nem é exactamente correcto. (Só seria se fosse «Liver’s Pool», e não é). Também não é dramático traduzir uma abreviatura, “West Ham” (de hammer, martelo) e dizer que existe em Londres um clube de futebol chamado “Presunto Ocidental”. O dramático é que pessoas como Ferrari Júnior, eles mesmos, uma elite, tenham interiorizado a inferioridade que julgam ter, por serem latinos. Vão depois ensinar que o avanço dos falantes de britânico é tal que já quando alguns deles há séculos cantavam “God Save the Queen” queriam dizer que “Deus Grave a Rainha!” Deus grava a Rainha ou o Rei? Resta perguntar pelo suporte: em disquete (cabará lá?), disco rígido, ou em CD?

Carlos Mota